

Nineteen Eighty-Four,
de George Orwell:
Winston Smith no divã

Stéfanie Alves Stefaisk

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Nineteen Eighty-Four, de George Orwell: Winston Smith no divã¹

1. Orwell, Freud e a Psicanálise

Ao desenvolver a sua teoria da psicanálise, Sigmund Freud estabeleceu que a chave para a compreensão do ser humano estava (muito bem) guardada no inconsciente e só ao alcançá-lo e descobrir o que ali se escondia é que as verdadeiras causas das patologias psíquicas humanas poderiam ser desvendadas. Em *A Interpretação dos Sonhos* (2001 [1900]), o psicanalista institui que através da análise minuciosa dos sonhos, que até então pareciam apenas um amontoado de imagens sem sentido ou produto do divino e do sobrenatural, é possível descortinar para eles um significado coerente. Segundo Freud, através de uma metodologia muito bem delimitada, os sonhos podem ser desvendados e o sonhador pode finalmente alcançar o que seu inconsciente mostra veladamente.

É sensato dizer que a publicação de *A Interpretação dos Sonhos* mudou a forma como a sociedade ocidental do início do século XX compreendia a mente humana. A partir de Freud, diversos campos de estudo como as artes, a sociologia e a antropologia foram profundamente transformadas. A literatura, como arte absorvente do mundo que a rodeia, abraçou a psicanálise em movimentos literários como o Modernismo dos anos 20 e o Surrealismo. Tais movimentos agregaram as premissas psicanalíticas, usando-as em suas técnicas formais e estruturais.

¹ O presente artigo decorre e é tributário da dissertação de mestrado intitulada “*A Few Cubic Centimetres Inside Your Skull*”: *A Interpretação dos Sonhos de Winston Smith em Nineteen Eighty Four*, de George Orwell apresentada pela autora à Universidade de Lisboa em 14 de janeiro de 2015.

De fato, toda uma classe de intelectuais e artistas da época foi influenciada pela psicanálise e é possível afirmar com segurança que George Orwell foi um destes casos. O escritor inglês raramente mencionava os conceitos psicanalíticos, sendo o artigo “Raffles and Miss Blandish”² (1998 [1944]) uma das raras ocasiões em que Freud é citado explicitamente. Contudo, Orwell admirava inegavelmente o movimento modernista e alguns de seus expoentes, tais como James Joyce. A obra *A Clergyman's Daughter* (1998 [1935]) foi escrita claramente sob influência do movimento modernista; entretanto, com esta experiência, Orwell descobriu que sua postura dominante era de índole política-ideológica e passou a criticar produções artísticas que desprezassem o assunto, sobretudo tendo em conta que o período histórico e a conjuntura política da época exigiam posicionamentos ideológicos firmes: “a novelist who simply disregards the major public events of the moment is generally either a footler or a plain idiot” (87), disserta em “Inside The Whale” (1998 [1940]). Para Kubal (1982), desde o princípio da carreira Orwell se preocupava com o “tema do poder”: por vezes era a tirania do império britânico, outras o sistema econômico e outras ainda a decadência da classe média.

Apesar de não abraçar a psicanálise abertamente, Orwell utiliza termos muito específicos da psicoterapia em *Nineteen Eighty-Four*. Paul Roazen (1987 [1978]) reconhece que a tortura de Winston possui alusões claras à psicanálise:

To O'Brien, Winston is a “difficult case”. Their time together is described as a series of “sessions”. O'Brien's stated aim is to “cure” Winston, to make him “sane”. (...) Winton seems to have a “disease” which gives him “delusions”. (26)

Ainda de acordo com Roazen, apesar de Orwell não endossar publicamente a psicanálise, o autor se aproximou de diversos pontos-chave da

² No artigo, Orwell cita Freud unicamente no seguinte trecho: “(...) Freud and Macchiavelli have reached the outer suburbs” (356). Neste texto, o escritor discute as imensas diferenças morais entre as histórias de crime de “Raffles” e de crimes com requintes de crueldade de “No Orchids for Miss Blandish”, a destruição de tabus ao atrair os leitores para a violência, a crueldade e a perversão sexual e a conexão destas mudanças morais com o surgimento do totalitarismo.

teoria freudiana, o que comprova a influência em sua obra dos conceitos do médico: “The extent to which, despite all their differences, Orwell’s psychology reveals similarities to Freud’s, testifies to the pervasive influence of psychoanalysis on twentieth-century images of human nature” (34).

Por outro lado e de acordo com Jacinta Matos (2012), a linguagem era parte central na posição do autor sobre o futuro:³ “Orwell strongly believed that we live *in and through* language” (6; grifo da autora). Curioso notar que no ensaio “New Words” (1998 [1940]) o escritor discursa sobre a necessidade da criação de novas palavras na língua, nomeadamente a inglesa, a fim de possibilitar a descrição de realidades indescritíveis fidedignamente, como os sonhos. Para Orwell, a falta de palavras cria um grave problema no momento em que devemos relatar as imagens oníricas, a fim de interpretá-las:

How do you describe a dream? Clearly you *never* describe it, because no words that convey the atmosphere of dreams exist in our language. Of course, you can give a crude approximation of some of the facts in a dream (...). And even if a psychologist interprets your dream in terms of “symbols”, he is still going largely by guesswork; for the *real* quality of the dream, the quality that gave the porcupine its sole significance, is outside the world of words. In fact, describing a dream is like translating a poem into the language of one of Bohn’s cribs; it is a paraphrase which is meaningless unless one knows the original. (128-9; grifo do autor)

Esta preocupação torna particularmente curioso o fato de Orwell ter optado por descrever ao todo sete sonhos no decorrer da narrativa de *Nineteen Eighty-Four*. Ainda que refletisse sobre a dificuldade de encon-

³ A linguagem fazia parte de um projeto político e ideológico para Orwell. Por esta razão, a Novilíngua (língua implantada em Oceania, *Newspeak* no original) de *Nineteen Eighty-Four* possui uma conotação linguística mas também política na narrativa. Matos julga que, no mundo totalitário da obra, onde todos os valores (incluindo os estéticos) foram deturpados, o “silêncio” produzido pela falta de palavras para expressar sentimentos e idéias é significativo. O indivíduo que viver na Oceania cuja novilíngua esteja completamente implementada, “no longer *owns* the language he uses” (24; grifo da autora).

trar palavras que descrevessem com precisão a atmosfera e conteúdos dos sonhos, o escritor optou por utilizá-los como um meio de revelar aspectos importantes da personagem principal. Por esta razão, compreender o papel dos sonhos descritos em *Nineteen Eighty-Four* torna-se essencial para uma aprofundada compreensão da obra, de quem Winston Smith é e do que esconde em seu inconsciente. Os sonhos da obra influenciam diretamente a personagem, que os relata em passagens cruciais da narrativa. Por que foram descritos? O que escondem? E, mais importante, o que revelam sobre o sonhador?

Winston é a figura da repressão e da resistência em *Nineteen Eighty-Four*, personificando os efeitos nefastos que este tipo de regime pode gerar nos indivíduos que são forçados a viver nele; é, portanto, no seu inconsciente que os verdadeiros sinais e causas de sua oposição encontram-se guardados. Somente ao acessar seu inconsciente é possível trazer à tona os traumas, desejos e lembranças recalçados que desaguarão nos sintomas neuróticos da personagem e que a levaram a se tornar a figura lúcida em meio à insanidade do regime totalitarista retratado na obra.

Apesar de não ser a única forma de alcançar o inconsciente, o sonho é a melhor maneira de acedê-lo, de acordo com Freud, que atesta em *A Interpretação dos Sonhos*: “A maioria dos sonhos artificiais criados pelos escritores de ficção destinam-se a esse tipo de interpretação simbólica; reproduzem os pensamentos do escritor sob um disfarce que se considera condizente com as características reconhecidas dos sonhos” (100-1). Analisar o inconsciente de Winston através de seus sonhos torna-se, assim, na maneira mais eficaz de descobrir quais são seus desejos inconscientes,⁴ perceber quem ele é em seu mais obscuro íntimo e os motivos que o levam a ter o comportamento que tem e como se processa sua resistência ao sistema.

Para uma leitura mais abrangente da obra de George Orwell, é essencial compreender as razões que levam Winston a ser diferente dos demais. O deslocamento de Winston, ocasionado por sua lucidez, o torna um indivíduo solitário. Por não compartilhar com os demais da euforia

⁴ Com exceção dos sonhos dos neuróticos traumáticos, segundo Freud os sonhos são realizações de desejos reprimidos (Cf. *A Interpretação dos Sonhos*).

gerada pelo regime, Winston é “o último homem”.⁵ Por que ele, diferentemente dos demais, consegue ver a realidade? Nem mesmo Julia compartilha da sua percepção, pois, segundo Winston, ela é “only a rebel from the waist downwards” (163). Enquanto Julia apenas deseja liberdade sexual, Winston almeja a liberdade ideológica — que em sentido amplo inclui a liberdade de expressão, sexual e social.

Dito isto, é preciso frisar que analisar a maior parte das obras de George Orwell excluindo sua ideologia política é realizar uma interpretação, se não errada, ao menos incompleta. Desde que foi publicado, *Nineteen Eighty-Four* vem sendo amplamente explorado de acordo com este seu aspecto mais óbvio. Contudo, Winston Smith é uma personagem extremamente complexa do ponto de vista psicológico. Como não pode se expor, seus gestos são friamente calculados a fim de esconder toda a rebelião e pensamentos insurrectos que permeiam sua mente. Analisar Winston Smith através da perspectiva político-ideológica é mais do que válido, é necessário; mas não podemos dizer que seja a perspectiva mais original. A trama psicológica em *Nineteen Eighty-Four* é vasta, sua importância inegável; e unir ambas as interpretações em muito enriquece a compreensão da obra.

2. Sonhos

O primeiro sonho, que denomino de “Sonho Antigo” por ter ocorrido sete anos antes do início da narrativa, refere-se a uma voz advinda da escuridão que diz a Winston uma das emblemáticas frases da obra: “We shall meet in the place where there is no darkness” (27). A personagem relembrou o sonho enquanto escrevia em seu diário, em uma clara referência a um conteúdo recalcado que transgrediu a barreira da censura tal como ocorre na terapia pela fala. Outro fator crucial para o trabalho do sonho⁶ trans-

⁵ Referência a *The Last Man in Europe*, o primeiro título da obra e que depois foi mudado para um anagrama do ano no qual o livro foi escrito, de acordo com Bernard Crick (1982 [1980]).

⁶ De acordo com Freud em *A Interpretação dos Sonhos*, o trabalho do sonho consiste na transformação do conteúdo latente (recalcado no inconsciente) em conteúdo manifesto (o sonho como é recordado) através da condensação (compressão de conteúdos

formar o conteúdo latente em conteúdo manifesto foi a cena de um filme de guerra visto na noite anterior:

then you saw a lifeboat full of children with a helicopter hovering over it. there was a middleaged woman might have been a jewess sitting up in the bow with a little boy about three years old in her arms. little boy screaming with fright and hiding his head between her breasts as if he was trying to burrow right into her and the woman putting her arms round him and comforting him although she was blue with fright herself, all the time covering him up as much as possible as if she thought her arms could keep the bullets off him. then the helicopter planted a 20 kilo bomb in among them terrific flash and the boat went all to matchwood. (10; grifos meus)

No dia em que recordou o sonho há muito esquecido, Winston revela ter visto, durante os “Dois Minutos de Ódio”,⁷ “a rapariga de cabelo escuro” (mais tarde descobriremos chamar-se Julia), uma mulher por quem nutria um ódio profundo. Conscientemente, Winston acredita que o ódio pela rapariga foi gerado por ela pertencer à “Liga Anti-Sexo”, um grupo praticante do celibato. Para a personagem, ao advogar o celibato ela sintetiza toda a ortodoxia do Partido, que prega uma perversa política de repressão sexual.⁸ Contudo, ao afirmar que deseja “ravish her and cut her

latentes em conteúdos manifestos menores), deslocamento (sonhos como são lembrados não passam de uma distorção do(s) conteúdo(s) recado(s) que os originaram), representabilidade (transformação do conteúdo latente em imagens) e elaboração secundária (tentativa do sonhador de representar em palavras o sonho).

⁷ *Two Minutes Hate* no original. Com exceção de *Big Brother* (por considerar este um nome próprio), neste estudo serão usados termos traduzidos de *Nineteen Eighty-Four*. Utilizarei os termos traduzidos para português de Portugal por Ana Luísa Faria, na versão de *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro* da editora Antígona (2012). Todos os termos originais aparecerão relacionados em parênteses quando os termos em português aparecerem pela primeira vez.

⁸ Repressão sexual é um complexo de interdições, valores e regras instaurados para controlar a libido dos indivíduos e tanto a repressão ideológica quanto a sexual exercem influências nefastas na sociedade de Oceania. Sobre repressão sexual, Winston reflete em dado momento sobre o propósito do Partido de remover todo o prazer do ato sexual, pois “Not love so much as eroticism was the enemy, inside marriage as well as outside it”

throat at the moment of climax” (17), Winston demonstra inconscientemente esconder um desejo reprimido através de uma repulsa violenta. Na realidade ele a odeia porque a deseja e seu desejo jamais será satisfeito, em uma rememoração do Complexo de Édipo.

A outra pessoa vista por Winston naquele dia é um membro do alto escalão do Partido (O’Brien), por quem a personagem nutria uma empatia gratuita. A personagem acreditava, graças a alguns sinais tais como olhares trocados, que O’Brien também era um rebelde contra o Partido e estava ao seu lado. Por algumas características físicas e tiques que lembravam “an eighteenth-century nobleman” (12), O’Brien representa, no inconsciente de Winston, a figura de seu pai (que deve-se lembrar, é a figura inimiga durante a fase do Complexo de Édipo) e de Goldstein (o “primeiro traidor”,⁹ gerador do tabu do incesto).¹⁰

(68). Em Oceania, o objetivo era tornar o ato sexual uma ação repugnante, necessária apenas para procriação. Winston revela que deseja quebrar o “muro de virtudes” que o Partido prega; por esta razão, um dos atos de rebelião era justamente fazer sexo “performado com sucesso”. Ter desejo sexual era cometer crimepensar (*crimethink* no original) e, portanto, ser subversivo. Julia, ao contrário de Winston, consegue perceber os reais motivos pelos quais o Partido condena o desejo e o sexo: a privação sexual produz um clima de histeria na população, o que, consequentemente, pode facilmente transformar-se em desejo de guerra e adoração aos líderes. Nas palavras de Julia: “When you make love you’re using up energy; and afterwards you feel happy and don’t give a damn for anything. They can’t bear you to feel like that. They want you to be bursting with energy all the time. All this marching up and down and cheering and waving flags is simply sex gone sour. If you’re happy inside yourself, why should you get excited about Big Brother and the Three-Year Plans and the Two Minutes Hate and all the rest of their bloody rot?” (139).

⁹ Como primeiro traidor, podemos buscar uma associação com o conceito freudiano de crime primário, desenvolvido em “Totem e Tabu” (1996 [1913]). Tal associação já havia sido feita anteriormente por Smyer: “The reference to Goldstein as the “primal traitor” calls to mind the Freudian concept of the primal crime” (142). O parricídio dos primeiros traidores dá origem ao tabu do incesto no qual os homens não podem relacionar-se com mulheres da mesma comunidade.

¹⁰ Cabe ainda mais uma importante observação acerca do papel exercido por O’Brien sobre Winston. O sujeito, por quem Smith sente uma profunda admiração, exerce uma poderosa influência na personagem desde o princípio. Primeiramente, quando ainda não havia nenhuma ligação entre ambos, O’Brien era alguém “com quem podia

No sonho, Winston está em um quarto escuro,¹¹ que no trabalho do sonho representará a condensação da mãe de Winston e da “rapariga de cabelo escuro”, pois por ambas ele sente o mesmo desejo sexual irrealizável. O “lugar onde não existe escuridão”, referido por uma voz durante o sonho e que a personagem atribuíra a O’Brien, refere-se ao Ministério do Amor, local sem janelas onde as luzes estavam todo o tempo acesas, tal como o próprio Winston o descreve: “In this place, he knew instinctively, the lights would never be turned out” (241). O’Brien, no quarto escuro, afirma que encontrará a personagem no Ministério por conta de seus desejos sexuais. Em outras palavras, o pai de Winston (a figura castradora no Complexo de Édipo) vai encontrá-lo no Ministério do Amor por ele ter desejos sexuais por sua mãe. O desejo do sonho revela-se então como: “Desejo ser punido por meu pai e estou fazendo de tudo para que isto aconteça, pois senti desejos sexuais por minha mãe”.

O segundo sonho de Winston é dividido em duas partes. A primeira consiste na imagem da mãe sentada em um local abaixo dele com a irmã nos braços. O local, profundo, move-se para baixo: “They were in the saloon of a sinking ship, looking up at him through the darkening water” (31). A segunda parte do sonho consiste na visão do que Winston chama

conversar” e que “estava ao seu lado”. Depois, ao divagar sobre para quem estava a escrever o diário, Winston proclama: “He was writing the diary for O’Brien—to O’Brien:” (84; grifo no original). Mas é durante a prisão da personagem que a faceta analista de O’Brien e seu poder sobre a personagem ficam mais evidentes. O’Brien declara que prendeu Winston para “curar sua memória defeituosa”, “salvá-lo” e “torná-lo são”. Em outra passagem, o “analista” afirma que as conversas de ambos são agradáveis: “‘Do you remember writing in your diary,’ he said, ‘that it did not matter whether I was a friend or an enemy, since I was at least a person who understood you and could be talked to? You were right. I enjoy talking to you’” (271). Para Roazen também, a relação de ambos (e principalmente o poder de um sobre o outro) é freudiana — entre paciente e terapeuta. É no divã de O’Brien e sob a influência dele que Winston passa a maior parte do tempo confinado. É através das conversas (e torturas) ocorridas enquanto permanecia em poder de O’Brien que Winston, tal como um paciente, finalmente é “curado” e transforma-se em uma pessoa “normal” — ou, ao menos, na pessoa que o Partido considerava normal.

¹¹ Freud faz referência a quartos em *A Interpretação dos Sonhos*. Segundo o psicanalista: “costumam ser mulheres” (309).

de Terra Dourada.¹² Este talvez seja o sonho mais famoso de toda a narrativa, especificamente por causa da segunda parte. Apesar de ser bipartido, ambos os trechos tratam sobre o mesmo assunto, conforme Freud alega em seu estudo sobre os sonhos: “O conteúdo de todos os sonhos que ocorrem na mesma noite faz parte do mesmo todo” (292). Este sonho nos revelará pela primeira vez um conteúdo traumático da infância de Winston: a discussão que teve com a mãe por causa de um pedaço de chocolate e que acabou por ser a última ocasião no qual viu ambas. Esta memória, traumática na vida de Winston está recalçada em seu inconsciente e só será revelada mais adiante, quando a personagem acordar de outro sonho. O sentimento de culpa pelo sumiço de ambas mais tarde também será revelado quando a personagem afirmar que achava que “tinha matado a mãe”. Sobre memórias esquecidas que fortuitamente alcançam a consciência, Freud explica que as lembranças traumáticas são esquecidas justamente por causarem sofrimento; isto nada mais é do que um mecanismo de defesa responsável por recalcar lembranças dolorosas a fim de privar o ego da angústia.

Tal como no sonho anterior, o filme visto durante a tarde daquele dia foi usado pelo inconsciente da personagem para transformar o conteúdo latente e recalçado em conteúdo manifesto, uma vez que a mãe abraça a irmã, tal como a mulher do filme abraça o filho para protegê-lo das balas. A notícia reportada naquela tarde no telecrã,¹³ de que a porção de chocolate semanal seria diminuída, também foi usada no processo do trabalho do sonho, que usou esta informação, relacionada ao conteúdo traumático de Winston (a briga com a mãe por causa do chocolate), e transformou-a no conteúdo manifesto da imagem da mãe e da irmã a afundar. Uma observação da personagem principal em particular merece atenção: “He was out in the light and air while they were being sucked down to death and they were down there *because* he was up here” (31-2, *italico no original*). Winston estava acima delas, ou seja, ele era superior, tanto porque sua mãe o considerava assim: “His mother was quite ready to give him more than his share. She took it for granted that he, ‘the boy’, should have the biggest portion” (169); quanto porque ele próprio se considerava com mais direitos:

¹² *Golden Country* no original.

¹³ *Telescreen* no original.

“but however much she gave him he invariably demanded more” (*Idem*). Ou ainda quando diz que “he should be given the whole piece” (*Ibid.*) Elas estavam afundando, ou seja, morrendo de fome, porque ele sempre queria mais. Quando elas sumiram, sua mente absorveu o fato como sendo culpa sua, porque ele demandava mais comida que a elas faria falta: “He knew that he was starving the other two, but he could not help it; he even felt that he had a right to do it” (*Ibid.*).

Pode ainda fazer-se uma interpretação deste trecho aludindo aos sonhos típicos¹⁴ com a morte de pessoas queridas. Durante a infância, Winston desejou a morte da mãe e da irmã, para que afinal pudesse ter mais comida, conforme foi possível observar em suas atitudes egoístas. Este desejo de morte recalcado retorna no sonho na forma da morte da mãe e da irmã, uma clara satisfação de um desejo antigo, há muito reprimido.¹⁵

Na segunda parte do sonho, Winston encontra-se em um local recorrente em seus sonhos; tão recorrente que ele não sabia ao certo se já lá havia estado ou não na vida real, denominado pela personagem de Terra Dourada.¹⁶ Em “O Estranho” (1996 [1919]), Freud afirma: “sempre que

¹⁴ De acordo com Freud, sonhos típicos são sonhos que ocorrem com a maioria das pessoas. No caso da morte de pessoas queridas, estes sonhos devem ser distinguidos em duas classes: aqueles sonhos cujo sonhador não fica abalado e, ao acordar, fica estarecido perante sua “insensibilidade”, e aqueles cujo sonhador fica extremamente abalado. Normalmente o desejo de morte está ligado a um desejo antigo, do período da infância do sonhador. Para Freud, como as crianças não têm muita noção do que realmente significa a morte, normalmente sentem a vontade imediata de que a causa da angústia acabe, e a este fim associam a morte. Para elas, a morte não é o fim da vida, mas tão simplesmente o fim imediato de uma fonte de desprazer (Cf. *A Interpretação dos Sonhos*, 223-4).

¹⁵ Sob o prisma político, vale ressaltar que Orwell alerta para os perigos do individualismo quando este é levado ao extremo: Winston luta por sua individualidade em uma sociedade coletiva, mas quando tanto o coletivismo quanto o individualismo ocorrem de forma radical suas consequências são negativas e destrutivas, tais como a que podemos observar nas atitudes da personagem quando criança.

¹⁶ O termo tem ainda uma outra associação, desta vez cultural: remete a *Golden Age*, ou a Idade de Ouro, um período bucólico e arcadiano no qual reinava a paz, a harmonia, a estabilidade e a prosperidade. A Idade de Ouro é sempre tida como um estado ideal e utópico, quando a humanidade ainda era pura. Este período findou com a “queda do homem”.

um homem sonha com um lugar ou um país e diz para si mesmo, enquanto ainda está sonhando: ‘este lugar é-me familiar, estive aqui antes’, podemos interpretar o lugar como sendo os genitais da sua mãe ou o seu corpo” (260). Isto significa que a Terra Dourada, local familiar ao personagem durante o sonho, representa o corpo de sua mãe. Outro aspecto do sonho é bastante peculiar e merece atenção. Winston afirma que durante o sonho, a rapariga do cabelo escuro faz um gesto “With what seemed a single movement she tore off her clothes and flung them disdainfully aside” (32). O particular gesto tem relação direta com o gesto feito pela mãe ao proteger seu filho no barco durante o filme, a imagem responsável por despertar o conteúdo reprimido no seu inconsciente, de sua mãe protegendo sua irmã na infância, ao abraçá-la quando Winston lhe roubara o pedaço de chocolate. Não restam dúvidas de que a cena cinematográfica aliada à figura de Julia (vista naquela tarde e que já reconhecemos que condensa também a representação de sua mãe) foram as responsáveis por despertar na personagem a cena da infância, ainda que ela só venha a ter consciência da conexão das cenas posteriormente. A memória recalcada não rompeu completamente a barreira da censura a ponto de Winston recordar-se da lembrança de infância neste momento, no entanto, em seu sonho, a memória veio à tona disfarçadamente. Considerando que Julia condensa em si a imagem da mãe e dos desejos sexuais não realizados, o sonho aponta para outra culpa, a de ter desejado a mãe.

Como um todo, o sonho ocupa-se dos sentimentos de culpa da personagem, sendo a primeira parte relativa ao trauma por ter matado a mãe e a segunda parte por tê-la desejado. As lembranças traumáticas de Winston foram esquecidas por serem fontes de angústia e lhe causarem sofrimento. Este mecanismo de defesa livra o consciente da personagem de remoer o trauma durante a vida de vigília, contudo durante a noite, o inconsciente alivia a tensão no sonho, revivendo o momento do trauma. Por ter características que lhe denunciavam como sendo um neurótico traumático, Winston tem sonhos com características diferentes da realização de desejos, conforme instituído por Freud.¹⁷

¹⁷ Em “Além do Princípio de Prazer” (1996 [1920]) Freud alega que os sonhos dos neuróticos traumáticos são uma exceção à proposição de que os sonhos são realizações de desejos e conduzem o sonhador ao momento no qual o trauma ocorreu.

O terceiro sonho, de ansiedade, possui uma interpretação até muito simples. A personagem está em frente a um muro e do outro lado havia algo terrível que ela não queria encarar. Isto é, claramente, uma alusão ao(s) conteúdo(s) reprimido(s) no inconsciente da personagem, mais especificamente sua fobia; afinal o recalçamento acontece com conteúdos geradores de angústia. Durante a análise, será possível descobrir que o “muro de escuridão” é a barreira da censura e o “algo muito terrível” correspondia o conteúdo gerador de uma fobia. Antes de se recordar do sonho, Winston estava deitado com Julia, após terem tido uma relação sexual, quando um rato aparece no quarto. Neste momento, Winston revela ter pavor dos roedores: “Of all horrors in the world — a rat!” (151). Julia comenta que ratos atacam crianças e que, por isso, muitas mães não têm coragem de deixar seus bebês sozinhos. Winston se apavora e Julia, para protegê-lo, “wound her limbs round him” (*Idem*). O acontecimento, a informação e o gesto de Julia (de protegê-lo, semelhante ao gesto de sua mãe trinta anos antes e da mulher que protegia a criança no filme) foram os fatores decisivos para Winston recordar-se de seu pesadelo. A própria personagem sabe que o que está atrás do muro era algo horrível de encarar — sua fobia — e que de alguma forma o que Julia acabara de dizer estava ligado a ela. O desejo expresso no sonho revela-se então como: “Desejo não saber o que há por trás deste muro, pois é algo muito terrível de encarar”.

De acordo com Freud, as fobias (medos exagerados direcionados a objetos/situações/animais) têm origem sexual¹⁸ e, em geral, decorrem do aumento na intensidade da defesa que ocorre analogamente à tentativa do inconsciente de manifestar o conteúdo angustiante censurado. Em outras palavras: quanto mais os conteúdos angustiantes querem se manifestar, maior a intensidade da barreira de defesa e, portanto no caso das fobias, maiores são os medos irracionais. As fobias, assim como as neuroses e os sonhos, são o retorno do recalçado travestido, uma representação que substitui o conteúdo angustiante original por outro.

Ao analisarmos o aparelho mental de Winston, é impossível não

¹⁸ Em “Obsessões e Fobias” (1996 [1895]), Freud alega que as angústias deste tipo (fobias) são algumas das manifestações psíquicas das neuroses de angústia, não derivam da lembrança e tem origem sexual: “Sua causa específica é a acumulação de tensão sexual produzida pela abstinência ou pela excitação sexual não consumada” (85).

tecer a analogia da fobia de ratos da personagem com o caso do “Homem dos Ratos”, analisado por Freud em “Notas Sobre Um Caso de Neurose Obsessiva” (1996 [1909]). Neste caso específico, o paciente era acometido por um Transtorno Obsessivo-Compulsivo e, de entre vários sintomas, sentia medo fora do normal de que algo terrível fosse acontecer às pessoas que amava: sua namorada e seu pai. A origem de suas neuroses obsessivas remonta à vida sexual infantil. Ao descrever seu grande medo obsessivo, o paciente de Freud especifica que seu temor se referia a um castigo corporal aplicado nos países da Europa de Leste:

... o criminoso foi amarrado...’ — expressou-se ele tão indistintamente, que não pude adivinhar logo em qual situação — ‘...um vaso foi virado sobre suas nádegas... alguns *ratos* foram colocados dentro dele... e eles...’ — de novo se levantou e mostrava todo sinal de horror e resistência — ‘*cavaram caminho no...*’ — Em seu ânus, ajudei-o a completar. (150; grifo do autor)

O sujeito continua o relato afirmando que foi acometido pela idéia de que este castigo estava sendo aplicado a uma pessoa que lhe era muito cara (no caso, ele estava a se referir à dama a quem admirava). É no mínimo curioso que a personagem também sinta fobia por ratos e que o castigo aplicado por O’Brien para que Winston mude de comportamento com relação ao *Big Brother* seja “a common punishment in Imperial China” (299), que consistia em amarrar uma gaiola na cabeça do torturado com um rato dentro prestes a devorar seu rosto. E, para nossa surpresa, qual a solução encontrada por Winston para que o castigo findasse? Se no caso do “Homem dos Ratos” o medo era de que o castigo fosse aplicado à mulher que amava, no caso de Winston, para salvar-se ele deseja que o castigo seja aplicado na mulher amada.

No caso da fobia de Winston, uma questão está indiscutivelmente clara: a personagem lembrou do referido pesadelo, no qual sua fobia apresenta-se recalcada, quando Julia disse: “Did you know they attack children? Yes, they do. In some of these streets a woman daren’t leave a baby alone for two minutes” (151). A frase de Julia a dizer que ratos grandes atacam bebês despertou em Winston a lembrança de algo que estava escondido “atrás do muro” em seu pesadelo. De alguma maneira, o fato de ratos atacarem bebês estava diretamente relacionado à sua fobia.

Em “A Organização Genital Infantil” (1996 [1923]), Freud afirma que, para as crianças de ambos os sexos, o pênis é o único órgão sexual existente. Para o menino, o pênis das meninas “ainda irá crescer” e, ao se deparar com o fato de que as mulheres adultas não o têm, ele conclui que o que ali estava foi “retirado”, levando-o a um receio de perder o seu órgão tão precioso e a considerar sobre o que precisa fazer (ou não fazer) para preservá-lo. Em “A Dissolução do Complexo de Édipo” (1996 [1924]), Freud faz a ligação entre os dois complexos: a masturbação infantil (geradora da ameaça de castração) é o escape da excitação produzida pelo Complexo de Édipo. Conforme Freud afirma no artigo “A Dissolução do Complexo de Édipo, a futura descoberta de que as mulheres são “castradas” torna-se, na cabeça da criança, a punição caso o amor edípico seja concretizado. É então que, entre o interesse narcísico do pênis e o amor edípico, o primeiro triunfa e “o ego da criança volta as costas ao complexo de Édipo” (198). O Complexo de Édipo é, pois, destruído pelo temor da castração (no caso dos meninos). Caso o complexo não seja destruído mas tão-somente reprimido, persistirá em estado inconsciente e voltará, mais tarde, na forma de manifestações patogênicas. Na teoria da libido,¹⁹ Freud estabelece a libido transformada como geradora do adoecer mental.

A fobia por ratos é mais um dos mecanismos de defesa de Winston contra conteúdos angustiantes; neste caso, a castração remete à castração sexual da infância mas também à castração praticada por Oceania em todos as esferas do ser-humano. Para Smyer, Winston sofria do “medo primitivo de mutilação sexual”, sendo que o uso da expressão “nasty thing” por Julia (uma mulher hipersexual e para quem tudo se relacionava com a sua própria sexualidade), ao referir-se aos ratos, “must refer to the infant’s genital mutilation” (147), fazendo alusão à dupla interpretação possível do termo “nasty”. Pondero ainda que a própria política praticada em Oceania (incluindo até mesmo a Novilíngua) é castradora, uma vez que Winston é obrigado a praticar a abstinência e, assim, acumular tensão sexual. A excitação sexual não consumada, como já pudemos analisar que Winston sentia

¹⁹ Seção do terceiro ensaio em “Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade” (1996 [1905]) que, no entanto, só foi acrescentada em 1915, de acordo com o editor da edição inglesa, James Strachey.

por Julia (e por sua mãe) na análise dos sonhos anteriores, também colabora para a produção de suas neuroses.

No quarto sonho, Winston encontra-se dentro do pesa-papéis. Ao despertar do sonho dentro do pesa-papéis, pela primeira vez Winston consegue rememorar a lembrança por tantos anos recalcada, do dia em que viu a mãe e a irmã pela última vez. Duas sentenças são extremamente importantes para a interpretação deste sonho. Primeiro, quando Winston afirma que o sonho estava diretamente ligado a uma lembrança: “There was the dream itself and there was a memory connected with it that had swum into his mind in the few seconds after waking” (*Idem*); e a segunda:

The dream had also been comprehended by—indeed, in some sense it had consisted in — a gesture of the arm made by his mother and made again thirty years later by the Jewish woman he had seen on the news film, trying to shelter the small boy from the bullets, before the helicopter blew them both to pieces. (*Ibid.*)

A descrição deste sonho é mais uma comprovação de que Winston possuía uma lembrança recalcada — até este momento. Ao acordar com seus olhos cheios de lágrimas, pode-se concluir de imediato que o sonho foi o gerador da angústia, mas o que realmente o afligiu foram as lembranças reprimidas (da briga com a mãe e a irmã e o conseqüente desaparecimento delas) que finalmente alcançaram a consciência. Foi este retorno do recalcado o gerador da tensão aqui descrita. Tem-se também finalmente a comprovação da ligação feita em sua mente entre o gesto feito por sua mãe e pela mãe que protegia o filho no barco durante o filme — gestos estes condensados no gesto de Julia no sonho da Terra Dourada. A ligação com a segunda parte do segundo sonho (Terra Dourada) é, portanto, muito estreita, inclusive pelas semelhanças nas descrições imagéticas. No segundo sonho, Winston descreve a paisagem como “a summer evening when the slanting rays of the sun gilded the ground” (32) e este é retratado com caracterizações como “luminous dream” (167) e “a summer evening after rain” (*Idem*). No segundo sonho ficou estabelecida uma importante ligação entre o conteúdo manifesto (Julia) formado a partir da condensação de sua figura com a da mãe, despertado pela imagem da mulher que protegia a criança no barco durante o filme. Como já foi interpretado, a Terra Dourada representa o mundo utópico e o corpo de sua mãe; e neste sonho, a representação

é igualmente válida.

O pesa-papéis exerce um papel muito importante e simbólico na narrativa, que não deve ser ignorado. Ao adquirir o antigo objeto “com no mínimo cem anos”, conforme a personagem de Mr. Charrington afirma, o que mais chama a atenção de Winston não é a beleza em si do objeto, mas a beleza de pertencer a um tempo antigo, a um tempo que ele procura insistentemente e constantemente resgatar. A personagem sabe que ter o pesa-papéis e alugar um quarto o levarão inevitavelmente à morte e isto o torna um “suicidal folly”, mas o prazer que Winston obtém ao retornar ao passado, ainda que através da compra deste pequeno artigo, é maior — e é possível perceber sua pulsão de morte em atuação.²⁰ Emblemático também é o fato de que Winston, ao alugar o quarto para poder ficar a sós com Julia, dispõe o pesa-papéis sobre a mesa. Com isto, fica claro que ele deseja que aquele quarto seja um retorno ao passado, com antiguidades que pertenciam aos tempos que sua memória consegue recordar. A idéia de alugar o quarto surgiu, inclusivamente, a partir do pequeno objeto: “the idea had first floated into his head in the form of a vision of the glass paperweight mirrored by the surface of the gate-leg table” (143). Ao explicar a Julia sobre o pesa-papéis, a personagem afirma que o que mais gosta sobre ele é que: “It’s a little chunk of history that they’ve forgotten to alter. It’s a message from a hundred years ago, if one knew how to read it” (152). Para Winston a mensagem era clara: obtendo o objeto, o passado poderia ser recuperado.

Quando Winston afirma que o sonho aconteceu dentro do pesa-papéis, isto nada mais é do que a representação utilizada pelo trabalho do sonho para transformar uma impressão capturada durante a vida de vigília. Em dado momento, Winston declara acerca do objeto em questão:

²⁰ Pulsão de morte ou Tanatos é uma força que tem tendência pela destruição, de acordo com Freud em “Além do Princípio de Prazer”. A pulsão de morte se opõe à pulsão sexual (Eros, que tem tendência pela vida) e tem caráter conservador e retrógrado; já as pulsões sexuais atuam no sentido de um prolongamento da vida. Atitudes de agressividade têm caráter destrutivo e são, portanto, associadas à pulsão de morte (um exemplo disto na obra seriam os “Dois Minutos de Ódio”). O aparato mental vive um conflito opositor entre essas duas forças — ao contrário do que se poderia imaginar, ambas as pulsões atuam de forma conjunta: onde há vida, há morte.

It was as though the surface of the glass had been the arch of the sky, enclosing a tiny world with its atmosphere complete. He had the feeling that he could get inside it and that in fact he was inside it, along with the mahogany bed and the gate-leg table and the clock and the steel engraving and the paper-weight itself. (154)

Com a associação feita entre o quarto alugado e o pesa-papéis, relembro agora a afirmativa de Freud de que os quartos “costumam ser mulheres”, tal como visto anteriormente na análise do primeiro sonho. Neste sonho, o pesa-papéis além de ser um fragmento do passado, também representa o útero de sua mãe — o primeiro “quarto” habitado por Winston e a que por toda a vida ele deseja retornar, um local de aconchego e proteção. É neste momento que Winston declara a Julia que, até aquele momento, acreditava ter matado a própria mãe. Este sonho também versa sobre o trauma vivido e o sentimento de culpa por tê-la “matado”, tal como no segundo sonho; portanto, ele também é uma recondução ao momento no qual o trauma ocorreu.

O quinto sonho, que denomino de sonho análogo por ter imagens oníricas muito parecidas com as da primeira parte do segundo sonho, foi recordado enquanto Winston estava a lembrar-se da memória recalcada da mãe e da irmã, ou seja, a lembrança do trauma, ao romper a barreira da censura, permitiu que outras lembranças relacionadas ao trauma também pudessem ser recordadas. Se, naquele sonho, sua mãe e irmã estavam “looking up at him”, em algum lugar subterrâneo, que mais tarde a personagem descreveu como “They were in the saloon of a sinking ship, looking up at him through the darkening water”, neste sonho sua mãe também estava a olhar para cima, para ele, através da água escura. Tal como no sonho anterior, Winston revive o trauma pela responsabilidade na morte da mãe. Naquela época, ele ainda achava que tinha sido o causador do seu desaparecimento e o fato de esta imagem retornar por diversas vezes durante a vida de Winston denota o quão traumático foi a perda de ambas, principalmente de sua mãe.

Denomino o penúltimo sonho de sonho/memória por Winston não especificar se esta recordação faz parte de uma alucinação ou sonho, uma vez que ele próprio não sabe discernir. Entretanto, acredito ser importante analisá-lo, uma vez que este passo também nos fornece pistas sobre os

recalques da personagem — e como pode ser que este passo refira-se a um sonho, a importância de analisá-lo torna-se ainda maior. Freud, no artigo “Lembranças Encobridoras” (1996 [1899]),²¹ diz que a origem das lembranças não importa, o que corrobora minha opção por analisar este sonho. Outro aspecto importante a ressaltar é a correlação deste sonho com o primeiro analisado, o “Sonho Antigo”.

Agora, Winston afirma que a mesma voz que disse naquele sonho “We shall meet in the place where there is no darkness” afirma neste: “Don’t worry, Winston; you are in my keeping. For seven years I have watched over you. Now the turning-point has come. I shall save you, I shall make you perfect” (256). Em ambos os casos o verbo *shall* representa uma forte afirmação ou intenção, uma instrução, algo inevitável. No sonho anterior, Winston deixou claro que o *shall* usado denotava “a statement, not a command”. Aqui, a intenção do verbo *shall* segue a mesma lógica.

Neste sonho, a voz — que é a mesma, portanto pertence a O’Brien — diz a Winston que vai salvá-lo e torná-lo perfeito. Devo retomar aqui a consideração de que O’Brien corresponde à figura do terapeuta — uma pessoa que pode usar dos seus conhecimentos para, durante a análise, transformar a mente “anormal” em “normal”, segundo os padrões sociais. A figura do terapeuta, e por conseguinte a de O’Brien, é tornar o indivíduo adequado para se encaixar nos padrões estabelecidos pela sociedade de Oceania. Tal como um paciente se torna dependente de seu analista, Winston se apega a O’Brien como a pessoa que pode salvá-lo. Como no “Sonho Antigo”, O’Brien condensa a figura de seu pai e de Goldstein, o rebelde e primeiro traidor. A afirmativa “I shall save you” revela não uma frase ouvida pela personagem, mas justamente um desejo seu de ser salvo por quem tanto admira e que condensa tantas figuras representativas. O termo “salvo”,

²¹ Neste artigo Freud revela ter percebido durante sessões com seus pacientes que muitas lembranças relatadas não haviam de fato ocorrido, ou ao menos não da maneira como eram contadas, ainda que o paciente tivesse plena convicção da sua lembrança. O médico descobriu então o que veio a chamar de lembranças encobridoras: memórias dos períodos infantis que na realidade não existiram ou foram deturpadas mas que estão simbolicamente ligadas a sentimentos que realmente existiram. Freud afirma que estas memórias devem o seu valor não ao seu conteúdo em si mas à relação existente entre este conteúdo e outro que foi recalado.

portanto, se trocado por “punido” (e a punição neste caso aparece como uma forma de amor, tal como os pais punem os filhos para corrigir seus erros), representa o desejo já interpretado no primeiro sonho. Relembrando que Winston se encontrava no Ministério do Amor, lugar onde ele já sabia que ocorreria sua punição, a satisfação do desejo torna-se assim mais evidente. Posteriormente, em outro diálogo entre O’Brien e Winston, este confirmará que acreditava que o local servia para aplicar punições: “And why do you imagine that we bring people to this place?” “To make them confess.” “No, that is not the reason. Try again.” “To punish them” (265). Se no sonho anterior o desejo era “Desejo ser punido por meu pai pois senti desejos sexuais por minha mãe”, neste sonho o desejo pode ser interpretado como: “Desejo ser punido por todos os desejos incestuosos que senti por minha mãe e por tê-la matado”.

Por último estão os sonhos felizes, cujos conteúdos referem-se ao desejo direto e objetivo de Winston de estar com os que ama: sua mãe, Julia e O’Brien. Este sonho é um sonho simples, semelhante aos sonhos infantis cuja interpretação pode ser obtida facilmente como sendo uma satisfação imediata de desejo, uma compensação.²² Sua única fonte de prazer enquanto estava enclausurado era divagar sobre estes sonhos, com estas pessoas. Como, neste momento, sua única fonte de prazer eram os sonhos, nada mais natural do que a satisfação do desejo de que mais sonhos felizes aconteçam durante a noite; a vida onírica supre-lhe e compensa-lhe as vontades impossíveis de serem realizadas durante a vida de vigília.

3. Winston Smith no Divã: O Retorno do Recalcado

Durante a narrativa é possível verificar uma certa tendência em Winston à auto-destruição, uma predisposição à pulsão de morte. As atitudes da personagem denotam que ele não é apenas uma pessoa que age contra o Partido, mas que parece por vezes querer ser apanhado, deixando pistas evidentes, rastros. Winston sabe, conscientemente, que está a caminhar para o mesmo

²² Freud exemplifica em *A Interpretação dos Sonhos* estes sonhos como típicos das crianças, que ainda não tem o aparato mental muito complexo: “Os sonhos das crianças pequenas são frequentemente pura realização de desejos” (125).

fim que sua mãe.²³ Caso caísse nas mãos do Partido, seria “abolished, annihilated: *vaporized* was the usual word” (21; grifo no original), tal como sua família fora no passado. Os textos do diário somente seriam lidos pela Polícia do Pensamento: “And in front of him there lay not death but annihilation. The diary would be reduced to ashes and himself to vapour. Only the Thought Police would read what he had written” (29). A morte era uma certeza: “He had the sensation of stepping into the dampness of a grave and it was not much better because he had always known that the grave was there and waiting for him” (166-7). Não obstante, em nenhum momento a personagem titubeia nos seus atos rebeldes, muito pelo contrário. Sua atitude é sempre direcionada no sentido de desafiar (ou antecipar) o fim que ele sabe estar a caminho. Ao afirmar que “We are the dead” (142), Winston não apenas quer dizer que a atual condição autoritária e opressora imposta pelo Partido está a matar figurativamente os cidadãos de Oceania mas que suas próprias ações levam-no, mais cedo ou mais tarde, para tal desfecho. A personagem, em diversos passos, deixa claro que sabe qual será seu fim pelas atitudes que toma — ainda assim, em nenhum momento hesita em tomá-las.

Esta característica da personagem é particularmente importante, pois a compulsão à repetição²⁴ leva Winston a tomar atitudes auto-destrutivas

²³ Em diversas passagens temos a confirmação de que Winston sabia que seria aniquilado. No início da narrativa, ele escreve em seu diário, em pânico: “*theyll shoot me i don’t care theyll shoot me in the back of the neck i dont care*” (21; grifo no original). A personagem sabia que este era o método empregado pelo partido para aniquilar seus opositores e que este seria seu fim, justamente por ser um opositor. A comprovação de que levaria um tiro vem de O’Brien: “‘Tell me,’ he said, ‘how soon will they shoot me?’ ‘It might be a long time,’ said O’Brien. ‘You are a difficult case. But don’t give up hope. Everyone is cured sooner or later. In the end we shall shoot you’” (287). Quando estava preso, Winston teve um devaneio cujo conteúdo novamente comprova a tese: “He was walking down the corridor, waiting for the bullet. He knew that it was coming in another moment. Everything was settled, smoothed out, reconciled. There were no more doubts, no more arguments, no more pain, no more fear. . . . Suddenly he started up with a shock of horror. The sweat broke out on his backbone” (292-3).

²⁴ Em “Recordar, Repetir e Elaborar” (1996 [1914]) Freud menciona a repetição como expressão da resistência: “podemos dizer que o paciente não *recorda* coisa alguma do que esqueceu e reprimiu, mas expressa-o pela atuação ou atua-o (*acts it out*). Ele o

que o conduzem inexoravelmente ao mesmo fim daqueles a quem supostamente destruiu, na situação traumática que não consegue recordar. Por esta razão, Winston tem diversos sonhos característicos de neuróticos traumáticos: sua compulsão à repetição o conduz de volta à cena do trauma. Smith toma atitudes destrutivas justamente por estas representarem paradoxalmente para ele a vida, o desejo, a satisfação. A rebeldia de Winston torna-se assim ainda mais admirável, pois denota a derradeira tentativa de obtenção de prazer, ainda que seja correndo risco de sofrer as consequências fatídicas. E por acaso não é este o verdadeiro significado de rebelião?

A análise de todos os sonhos de Winston nos revela interessantes aspectos sobre seu aparelho psíquico. Como a personagem é completamente reprimida ideológica e sexualmente pelo sistema, Winston acaba por sofrer de diversas patologias psíquicas, reveladas nos sonhos, uma vez que na vida de vigília ele jamais poderia se permitir demonstrar qualquer vulnerabilidade, qualquer humanidade, pois correria o risco de sofrer as consequências da “vaporização”, caso o fizesse. Este quadro de total repressão imposto pelo sistema político de Oceania contribui para que a personagem revele-se completamente no único momento no qual pode ser ele mesmo e libertar-se: durante seus sonhos. Tomando emprestado de Freud a idéia de que “todos somos neuróticos, em maior ou menor escala”, a repressão sexual, especialmente, torna-se a maior fonte de patologias uma vez que a libido é a força propulsora do ser-humano; quando esta é reprimida, abre-se caminho para o surgimento das neuroses. Winston é o neurótico da narrativa (condição que foi possível descobrir na análise de seus sonhos) mas também é o único que carrega em si a humanidade dos conflitos psicológicos pelos quais os seres-humanos — cujas liberdades individuais são garantidas — passam, em maior ou menor escala. Orwell acaba por nos apresentar em seu romance a inversão de todos os valores sociais estabelecidos, pois é este o resultado do totalitarismo. Este tipo de regime inverte de tal forma os valores sociais que os neuróticos em Oceania, aqueles que mantêm sua humanidade, são considerados insanos justamente por

reproduz não como lembrança, mas como ação; *repete-o*, sem, naturalmente, saber que o está repetindo” (165; grifos do autor). Na compulsão à repetição o indivíduo retoma o que não foi efetivado durante sua infância, ou seja, no caso de Winston, sua aniquilação juntamente com sua família.

serem normais. As vulnerabilidades de Winston Smith são o que afinal o tornam humano. A personagem vive em uma sociedade opressora na qual os cidadãos são reprimidos; viver em Oceania significa não ter permissão para agir ou pensar por si mesmo, deixando a individualidade relegada para apenas “few cubic centimetres inside your skull” (29), como Winston bem sabe. Todos os olhares, gestos e palavras são friamente calculados para não demonstrar o que se passa na mente — correndo o risco de sofrer retaliações caso não o esconda. Pode-se fazer uma leitura freudiana da política empregada em Oceania, comparando-a ao processo do recalque: naquela sociedade o ser-humano tem que recalcar seus desejos, o que pode torná-lo psicologicamente doente.

Winston tem uma memória referente ao passado que nenhum habitante de Oceania compartilha; sua resistência em perpetuá-la é, também, um dos seus vários mecanismos de defesa: manter a memória significa manter-se *são*. O que diferencia Winston dos demais é justamente sua memória. É dela que provém sua rebeldia, uma vez que ele *sabe* da realidade, tem consciência das mentiras e deturpações praticadas pelo Partido.

Outro mecanismo de defesa da personagem é sua fobia por ratos, ou o medo de ser castrado — e aqui falo do complexo da castração da infância mas também da castração sexual praticada pelo sistema de Oceania, que não permite que o sexo seja praticado por puro prazer, somente para procriação, meramente um dever. Este pavor redireciona o conteúdo angustiante para um objeto externo, que no caso de Winston vem a ser o animal. O protagonista é obcecado pelo tempo anterior ao regime, por se lembrar sobre como as coisas eram, por buscar saber como tudo se passara. O passado, para ele, refere-se a valores tais como a privacidade, o amor, a família e a amizade. Sua mãe é um fragmento do passado, uma memória que ele deseja preservar. Manter sua própria memória significa também manter a memória de sua mãe, é uma maneira de mantê-la ainda viva; sua obsessão com o passado está intimamente relacionada à figura de sua mãe. Posso estabelecer a conexão sexual de sua obsessão com o complexo de Édipo e afirmar que a origem desta neurose se deve a uma má resolução desta fase psicossocial de desenvolvimento infantil; contudo creio ser mais sensato estabelecer a ligação da obsessão também com a castração: Winston é impecado de ser quem é, de pensar o que quiser, de lembrar-se do que e de quem quiser, de ter relações sexuais da maneira que quiser e com quem quiser, é

bloqueado na sua busca por uma vida normal que respeite suas individualidades. Por esta razão, tanto sua obsessão com o passado quanto sua fobia estão ligadas a uma castração maior: a castração de ser. Winston é coibido socialmente, economicamente, sexualmente, culturalmente e até linguisticamente.

“Nineteen Eighty-Four is not a prophecy. It is something more like a dream” (80), postula Kerr (2003). No curso da narrativa, os sonhos da personagem revelam seus recalques, desejos e traumas; contudo, ao ser aprisionado para tornar-se “são”, a personagem vai aos poucos perdendo a capacidade de sonhar, até o ponto de não mais sonhar completamente. Com isto, Orwell demonstra que a opressão radical do regime totalitarista aniquila toda e qualquer possibilidade de sonhar, tanto metafórica quanto literalmente. Quando estava preso, durante o processo de condicionamento, a personagem pondera: *“From now onwards he must not only think right; he must feel right, dream right”* (294). O “sonhar certo”, deve-se entender como o condicionamento completo de Winston: a partir do momento em que seu inconsciente não produz o conteúdo manifesto a partir do conteúdo latente, isto significa que a personagem perdeu completamente a individualidade e o seu processo de “cura” foi totalmente concluído. Seu lado humano, com suas neuroses, fobias, tensões, angústias e prazeres ter-se-á desvanecido por completo. *“De-eroticized, de-historicized, de-humanized, the person is reduced to a state of pure being”* (155), escreve Smyer sobre o Winston pós-tortura. Ele deixou de ser humano, pois perdeu todas as características que o identificam como tal. Ao escrever espontaneamente $2 + 2 = 5$, Winston revela que sua racionalidade e capacidade crítica foram finalmente aniquiladas; agora ele está pronto para aceitar as imposições do Partido, sem objetar. Ao encontrar-se com Julia, a personagem confessa que *“They could have lain down on the ground and done that if they had wanted to”* (304), mas que o horror tomou conta de si ao mero pensamento dessa possibilidade. O Winston pós-prisão não tinha mais pulsões de morte no que tange a atitudes rebeldes, mas também sua libido havia sido dizimada: para ele, o corpo que antes significava desejo, agora lembrava “um cadáver”.

Mas sonhar também significa a capacidade de projetar um mundo melhor e, ao ser condicionado, Winston também perde esta habilidade e passa a aceitar o mundo da maneira como ele se encontra. Ao refletir que

“Something was killed in your breast: burnt out, cauterized out” (304), Winston admite para si próprio que perdeu aquilo que o tornava humano. Neste sentido, Orwell nos revela que a pior face do totalitarismo é aquela que impede os indivíduos de sonhar, de manterem-se humanos, de manterem seu inconsciente e de lutarem por um mundo no qual as pessoas preservem sua individualidade de maneira sadia.

O’Brien é um intelectual tal como Winston, com a diferença de que seu inconsciente foi dominado para “sentir certo, sonhar certo”. Uma das maiores decepções de Winston não foi ter sido capturado pelo Partido — isto ele já sabia que aconteceria mais cedo ou mais tarde, era tudo uma questão de tempo. A sua maior decepção ocorre no momento em que percebe que estava realmente sozinho, pois até mesmo um intelectual do porte de O’Brien, capaz de escrever *O Livro* e saber de toda a dominação do Partido, era capaz de praticar o duplopensar²⁵ com perfeição e apagar todo seu conhecimento logo em seguida. A traição maior constatada por Winston foi, portanto, a subjugação do intelectual. Para Orwell, o direito de pensar move a sociedade, e deste modo o fim do pensamento intelectual livre representa o fim da sociedade. Em *Nineteen Eighty-Four*, Winston reconhece-se como o último intelectual e, por isso como “the last man”. O último a carregar consigo não só as marcas do passado (traumas, desejos, neuroses e sonhos), mas também a memória destas marcas. Ao morrer e deixar de ser humano, ainda que metaforicamente, a humanidade também chega ao fim.

Works Cited

- Crick, Bernard. *George Orwell A Life*. 2nd ed. London: Penguin, 1982 (1980).
- Freud, Sigmund. “A Dissolução do Complexo de Édipo”, 1924. *Edição ‘Standard’ Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: O Ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925)*. Vol. XIX. Trans. José Octávio de Aguiar Abreu, ed. James Strachey. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (1924). 191-201.
- _____. *A Interpretação dos Sonhos*. 1900. Trans. Walderedo Ismael de Oliveira. Rio de Janeiro: Imago, 2001 (1900).

²⁵ *Doublethink* no original.

- ____. “A Organização Genital Infantil: Uma Interpolação na Teoria da Sexualidade”. *Edição ‘Standard’ Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: O Ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925)*. Vol. XIX. Trans. José Octávio de Aguiar Abreu, ed. James Strachey. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (1923). 155-63.
- ____. “Além do Princípio de Prazer”. *Edição ‘Standard’ Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Além do Princípio de Prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos (1920-1922)*. Vol. XVIII. Trans. Christiano Monteiro Oiticica, ed. James Strachey. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (1920). 11-72.
- ____. “Lembranças Encobridoras”. *Edição ‘Standard’ Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Primeiras Publicações Psicanalíticas (1893-1899)*. Vol. III. Trans. Margarida Salomão, ed. James Strachey. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (1899). 283-304.
- ____. “Notas Sobre Um Caso de Neurose Obsessiva”. *Edição ‘Standard’ Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Duas Histórias Clínicas (o ‘Pequeno Hans’ e o ‘Homem dos Ratos’)* (1909). Vol. X. Trans. José Luiz Meurer, ed. James Strachey. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (1909). 135-276.
- ____. “O ‘Estranho’”. *Edição ‘Standard’ Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Uma Neurose Infantil e outros trabalhos (1917-1918)*. Vol. XVII. Trans. José Luiz Meurer, ed. James Strachey. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (1919). 231-71.
- ____. “Obsessões e Fobias: Seu Mecanismo Psíquico e Sua Etiologia”. *Edição ‘Standard’ Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Primeiras Publicações Psicanalíticas (1893-1899)*. Vol. III. Trans. Margarida Salomão, ed. James Strachey. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (1894, 1895). 73-88.
- ____. “Recordar, Repetir e Elaborar (Novas Recomendações Sobre a Técnica da Psicanálise II)”. *Edição ‘Standard’ Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: O Caso Schreber, Artigos sobre Técnica e outros trabalhos (1911-1913)*. Vol. XII. Trans. José Octávio de Aguiar Abreu e Christiano Monteiro Oiticica, ed. James Strachey. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (1914). 159-71.
- ____. “Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade”. *Edição ‘Standard’ Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Um Caso de Histeria, Três Ensaio sobre Sexualidade e outros trabalhos (1901-1905)*. Vol. VII.

- Trans. José Octavio de Aguiar Abreu e Christiano Monteiro Oiticica, ed. James Strachey. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (1905). 117-231.
- _____. "Totem e Tabu". *Edição 'Standard' Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Totem e Tabu e outros trabalhos (1913-1914)*. Vol. XIII. Trans. Órizon Carneiro Muniz, ed. James Strachey. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (1912-13). 11-169.
- Kerr, Douglas. *George Orwell*. Tavistock: Northcote House in association with the British Council, 2003.
- Kubal, David. *The Consoling Intelligence: Responses to Literary Modernism*. Baton Rouge and London: Louisiana State University Press, 1982.
- Matos, Jacinta Maria. "George Orwell's *Nineteen Eighty-Four*: Is this were it all began?" <http://reconstruction.eserver.org/Issues/123/Matos_Jacinto_Maria.shtml> *Reconstruction*. 12.3. n.p., 2012: 1-30. 24 September 2014.
- Orwell, George. *A Clergyman's Daughter. The Complete Works of George Orwell*. Vol. III. Ed. Peter Davison. London: Secker & Warburg, 1998 (1935).
- _____. "Inside the Whale". *The Complete Works of George Orwell: A Patriot After All*. Vol. XII. Ed. Peter Davison. London: Secker & Warburg, 1998 (1940). 86-115.
- _____. *Mil Novecentos e Oitenta e Quatro*. 1949. Trans. Ana Luísa Faria. Lisboa: Antígona, 2012.
- _____. "New Words". *The Complete Works of George Orwell: A Patriot After All*. Vol. XII. Ed. Peter Davison. London: Secker & Warburg, 1998 (1940). 127-35.
- _____. *Nineteen Eighty-Four. The Complete Works of George Orwell*. Vol. IX. Ed. Peter Davison. London: Secker & Warburg, 1998 (1949).
- _____. "Raffles and Miss Blandish". *The Complete Works of George Orwell*. Vol. XVI. Ed. Peter Davison. London: Secker & Warburg, 1998 (1944). 345-58.
- Roazen, Paul. "Orwell, Freud and 1984". *George Orwell's 1984*. Ed. Harold Bloom. New York: Chelsea House Publishers, 1987 (1978). 19-34.
- Smyer, Richard I. *Primal Dream and Primal Crime: Orwell's Development as a Psychological Novelist*. London: University of Missouri Press, 1979.

ABSTRACT

The present article combines George Orwell's work *Nineteen Eighty-Four* with Sigmund Freud's work *The Interpretation of Dreams*, among others, in order to interpret the many dreams described by the main character in the English dystopia following a psychoanalytical perspective. By applying the therapeutic methodology developed by the father of psychoanalysis to the analysis of the dreams described in the narrative, I intend to make manifest the repressed desires in the unconscious of Winston Smith in order to understand his mechanisms of repression and the origins of his neurosis, trauma, phobias and anguish. From this interpretation, it will be possible to understand the main character more deeply and according to an unusual perspective.

The discovery of the repressed contents in Winston's unconscious, not only gives us a new perspective on this character but a new understanding of the work as a whole. From the discoveries made through the interpretation of the character's dreams, it is possible to shed a new light on *Nineteen Eighty-Four*, so that the work can be analysed not only in its political and ideological outlook, but can be revealed anew by this psychoanalytical approach.

KEYWORDS

Freud; dreams; unconscious; psychoanalysis; literature

RESUMO

O presente artigo alia a obra *Nineteen Eighty-Four*, de George Orwell, a *A Interpretação dos Sonhos*, de Sigmund Freud, entre outras, a fim de interpretar os diversos sonhos descritos pela personagem principal na distopia inglesa com recurso à óptica psicanalítica. Ao aplicar a metodologia terapêutica desenvolvida pelo pai da psicanálise na análise dos sonhos descritos na narrativa, pretende-se extrair os desejos recalcados no inconsciente de Winston Smith, a fim de compreender seus mecanismos de repressão e as origens de suas neuroses, traumas, fobias e angústias. A partir desta interpretação, torna-se possível compreender a

personagem principal mais profundamente — e de acordo com uma perspectiva incomum.

Ao descobrir os conteúdos recalcados no inconsciente de Winston, não só a personagem ganha uma nova dimensão, mas toda a obra adquire novos contornos. A partir das descobertas feitas através da interpretação dos sonhos da personagem, é possível lançar uma nova luz sobre *Nineteen Eighty-Four*, para que a obra possa ser analisada não somente pela sua perspectiva mais comum, a política e ideológica, mas por outra mais original: a psicanalítica.

PALAVRAS-CHAVE

Freud; sonhos; inconsciente; psicanálise; literatura

OTHER VOICES
OUTRAS VOZES

